



INSTITUTO LATINO-  
AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (II AACH)  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM  
GÊNERO E DIVERSIDADE NA  
EDUCAÇÃO

### **(Provoc)Ações cênicas como acolhimento**

Experimentações artísticas para a produção de pertencimento da população  
LGBTQIAPN+ em processos educativos.

**João Victor Concer Corrêa**

Foz do Iguaçu/PR  
2024



INSTITUTO LATINO-  
AMERICANO DE ARTE,  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM  
GÊNERO E DIVERSIDADE NA  
EDUCAÇÃO

## **(Provoc)Ações cênicas como acolhimento**

Experimentações artísticas para a produção de pertencimento da população  
LGBTQIAPN+ em processos educativos.

**JOÃO VICTOR CONCKER CORRÊA**

Monografia apresentada ao Instituto Latino-  
Americano de Arte, Cultura e História da  
Universidade Federal da Integração Latino-  
Americana como requisito para a obtenção do título  
de Especialista em Gênero e Diversidade na  
Educação

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira

Foz do Iguaçu/PR  
2024

**JOÃO VICTOR CONKER CORRÊA**

**(Provoc)Ações cênicas como acolhimento**

Experimentações artísticas para a produção de pertencimento da população  
LGBTQIAPN+ em processos educativos.

Monografia apresentada ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito para a conclusão do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira  
UNILA

---

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)  
(Sigla da Instituição)

---

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)  
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do/a autor/a: \_\_\_\_\_

Curso: Especialização em Gênero e Diversidade na Educação

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: \_\_\_\_\_

Nome do orientador(a): \_\_\_\_\_

Data da Defesa: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho ao coletivo de artistas  
POÉTICAS DO ENTRE e a criança viada do  
reino das águas que fui.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos educandos do CAPSI: JC, No, Ke, Vi, Leo e Mi que com suas presenças em minhas aulas me fizeram tomar a decisão de cursar essa especialização.

Agradeço ao meu grande amigo Giovanne Faccio que me apoiou imensamente em seguir com esse trabalho e foi uma das maiores fontes de carinho e afeto possíveis em momentos de desespero e de alegria enquanto escrevia esse trabalho, um amigo que me faz acreditar nos encontros e na presença, MESMO de longe.

A Cabocla João, que foi minha diretora e minha colega arte-educadora durante esse período da especialização e trabalhava a conquista da diferença comigo, que criou um coletivo de teatro em 2019 que ajudou na minha permanência quando eu iria embora de Foz sem sequer conseguir terminar a graduação.

A Angi Lazaretti e o Fábio Salvatti por serem artistas, diretores e coordenadores do Poéticas do Entre e possibilitarem uma vida de fazedor de teatro em uma cidade com precariedades como Foz é e ainda serem pesquisadores e incentivadores de uma educação que parta e construa com o corpo.

A equipe de teatro do CER IV, em especial as profissionais Caroline Santana Ribeiro, Adriele Aparecida Zatta e Juliana da Silva Prado, que foram grandes amigas e acreditaram no meu trabalho e estavam disponíveis para escutar.

Aos meus colegas do curso de especialização, que mesmo com a vida nos atropelando, permanecemos nos incentivando a frequentar as disciplinas e realizar o trabalho de conclusão, em especial a Kácila que teve que me convencer particularmente a realizar esse trabalho.

Sempre agradeço a minha trindade: avó Neusa, mãe Mari e irmã Jujuba que são meu porto seguro.

Agradeço também a minha família escolhida por mim, meus grandes amigos que integram o Em Bando Coletivo Jamilli Lima, Marcus Di Bello, Dafne Carina, Felipe Salve, Luma Eckert e Paola Caruso, que são também artistas e educadores do qual eu confio e com quem converso sobre a esperança na educação.

Sarah Correia, com quem conversei muito para decidir entrar nessa especialização e uma amiga educadora da qual eu tenho profundas admirações que não se perdem no tempo.

Ao corpo docente deste curso e suas aulas que reverberam em minhas ações como arte educador: Marcos de Jesus Oliveira, Anaxsuell Fernando da Silva, Lorena Rodrigues Tavares de Freitas, Angela Maria de Souza, Eliane Pimenta e também a minha banca com suas considerações muito fortalecedoras: professor Angel Ferreira e professora Ellen

Schneider.

Entre a oração e a ereção  
Ora são, ora não são  
Unção  
Bênção  
Sem nação  
Mesmo que não nasçam  
Mas vivem e vivem  
E vem

**LINN DA QUEBRADA**



## RESUMO

Este trabalho reflete sobre a condição de não pertencimento da população LGBTQIAPN+ em situações educativas, que permeia, fomenta e produz diferenças e desigualdades. A partir de pensadores da educação a pesquisa se baseia em conceitos como educação libertadora de Paulo Freire, interseccionalidade e entusiasmo de bell hooks e a valoração da diferença de Letícia Nascimento, propondo a experiência de um arte educador e educando bissexual como metodologia. A experiência é fundamentada em experimentações artísticas de programas de performance cunhado pela artista Eleonora Fabião, onde corpos e sujeitos estarão imbricados no processo educativo, vinculados pela escuta atenta de si e dos corpos presentes no processo de educação, para serem realizados como acolhimento seja na sala de aula regular, ou nas mais diversas experiências educativas. A experimentação é fundamental nos espaços educativos como forma de validar a presença de corpos flexibilizando as normas educativas provocando a cisheteronormatividade presente como herança da escola.

**Palavras-chave:** Arte-Educação; Sexualidade; Performance; Experimentação; Práticas Corporais

## RESUMEN

Esta investigación profundiza en las experiencias de no pertenencia dentro de los entornos educativos enfrentadas por la comunidad LGBTQIA+, destacando cómo estas experiencias fomentan y perpetúan las disparidades y desigualdades. Basándose en el trabajo de destacados teóricos de la educación, el estudio se fundamenta en conceptos como la pedagogía liberadora de Paulo Freire, la interseccionalidad y pedagogía transformadora de bell hooks, y el énfasis en la valoración de la diferencia de Letícia Nascimento. La investigación propone una metodología centrada en las experiencias de un educador de arte y estudiante bisexual. Informada por los experimentos artísticos basados en la performance de Eleonora Fabião, este enfoque implica un profundo entrelazamiento de cuerpos y sujetos dentro del proceso educativo. A través de la escucha atenta de sí mismos y de los demás, los participantes pueden crear espacios inclusivos que fomenten un sentido de pertenencia, ya sea en aulas tradicionales o en entornos educativos alternativos. La experimentación es fundamental en este enfoque, ya que desafía las normas educativas rígidas y perturba la cisheteronormatividad dominante que a menudo caracteriza las escuelas.

**Palabras clave:** Educación artística; Sexualidade; Performance; Experimentación, prácticas corporales

## ABSTRACT

**Key words:** This research delves into the experiences of non-belonging within educational settings faced by the LGBTQIA+ community, highlighting how these experiences foster and perpetuate disparities and inequalities. Drawing on the work of prominent education theorists, the study is grounded in concepts such as Paulo Freire's liberatory pedagogy, bell hooks' intersectionality and transformative pedagogy, and Letícia Nascimento's emphasis on valuing difference. The research proposes a methodology centered around the experiences of a bisexual art educator and student. Informed by the performance-based artistic experiments of Eleonora Fabião, this approach involves a deep intertwining of bodies and subjects within the educational process. Through attentive listening to oneself and others, participants can create inclusive spaces that foster a sense of belonging, whether in traditional classrooms or alternative educational settings. Experimentation is central to this approach, as it challenges rigid educational norms and disrupt the pervasive cisheteronormativity that often characterizes schools.

**Keywords:** Art Education; Sexuality, Performance; Experimentation; Body practices

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1. EDUCAÇÃO E O PERTENCIMENTO DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+</b>	14
1.1 Panorama	14
1.2 Educação libertadora e entusiasmada	17
<b>2. METODOLOGIA EM MOVIMENTO: A experiência como método.</b>	21
2.1 O Conceito de diferença como movimento dinâmico	21
2.2 O Fazer Cênico: A diferença, o corpo e a escuta.	23
<b>3. AÇÕES QUE PROVOCAM: PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA CONQUISTAR A DIFERENÇA</b>	26
3.1 Ações	27
3.2 Ações que consideram o corpo.	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	31
<b>REFERÊNCIAS</b>	32

## INTRODUÇÃO

A ideia de “Provoc(Ações) Cênicas como acolhimento” é a de um convite para educadores trabalharem experimentações artísticas como método de acolhimento em espaços e situações educativas diversas, a fim de garantir a produção e manutenção de pertencimento do público LGBTQIAPN+ participante do processo educativo, ou seja, garantir que naquela sala de aula, oficina, laboratório, essa população possa ter seu espaço garantido contra uma cisheteronorma educacional, entendendo aqui, não o desejo sexual e afetivo, mas sim essa produção de norma (aquilo que corresponde) e desvio (aquilo que não corresponde). A escolha de ações cênicas se justifica na medida em que podemos alargar as possibilidades de caminhos para essa proposta de educação sendo que elas podem ser amplas ferramentas para que, considerando o corpo e sua presença, a existência da diversidade sexual e as identidades de gênero em espaço educativo apareçam em nós a partir das matrizes que as marcam como diferenças, indo contrária à ideia frequente em debates sobre diversidade na educação em que a diferença localiza-se apenas no outro. Imbricando a ideia de programas performativos trabalhando com o corpo ativo em práticas educativas para criar um ambiente que promova respeito, qualidade de ensino e terreno de permanência da população LGBTQIAPN+ em espaços educativos.

No capítulo I faremos um breve panorama dos direitos da educação adquiridos em relação a diversidade e traremos como abordagem teórica os conceitos de Freire e hooks sobre as perspectivas iniciais de educação que este projeto defende. Aproximando os dois pensadores e os distanciando, trazendo conceitos como educação libertadora, interseccionalidade e o prazer em sala de aula.

Logo em seguida, no capítulo II, ao apresentar a experiência como metodologia, fazemos também uma reflexão do conceito de diferença pela ótica de Deleuze que a compreende como um movimento dinâmico, no qual iremos traçar um paralelo com o fazer cênico como um movimento também dinâmico e ainda nos debruçamos sobre o fazer teatral, a presença do corpo e da escuta como dispositivos para trabalhar as práticas cênicas que serão propostas.

No capítulo III temos uma introdução aos programas performativos e alguns enunciados provocativos de programas performativos para realizar em acolhimentos de processos educativos, evidenciando reconhecer a presença e o corpo em sala de aula como um caminho metodológico fundamental nas práticas cênicas e possibilitador de criação de pertencimento para educandes pertencentes a sigla LGBTQIAPN+.

## 1. EDUCAÇÃO E O PERTENCIMENTO DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

“Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso” (LOURO, 1997, p. 57). Começo este trabalho trazendo a pesquisadora e doutora em educação Guacira Lopes Louro, pois sua obra tem sido fundamental para a compreensão e desnaturalização das normas de gênero e sexualidade presentes na educação escolar, para além de abordar a existência de desigualdades em relação a gênero e sexualidade no âmbito escolar, como percebemos com essa citação inicial de Guacira é que ela irá fundamentar a necessidade de uma educação que respeite a diversidade apresentando a necessidade de desconstruir normativas que a própria escola produz. Guacira inicia um dos capítulos de seu livro “Gênero, sexualidade e educação” dessa forma para tecer uma reflexão crítica a respeito da produção de desigualdades a partir de uma heteronorma masculina no ambiente educacional.

Guacira nos mostra como o ambiente escolar está vinculado a viver essas violências a partir de um recorte de gênero e sexualidade. Se durante um grande período este era um ambiente que foi negado a alguns, nos períodos mais recentes o ambiente escolar foi reivindicado a ser democrático, plural e diverso. A inserção da diversidade na escola mantém as violências parte do dia a dia escolar desses educandos, onde uma suposta “naturalidade” servirá de justificativa para separar as ações escolares em gênero e reprimir qualquer comportamento que desvie dessa suposta “naturalidade”.

(...) nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 1997, p. 63)

### 1.1 Panorama

Há políticas, no que tange à existência da diversidade e diferença, sendo reivindicadas e conquistadas por organizações pelo mundo, em especial relacionado à ideia de diferença com as minorias marginalizadas de sociedades capitalistas marcadas pelo patriarcado, pela branquitude, e pela heterocisnormatividade que se opõe às existências das mulheres livres, das negritudes e da população LGBTQIAPN+. A Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada em 1948 estabelece como patrimônio social e cultural da humanidade a igualdade de direitos e dignidade para todos os seres humanos, independente de qualquer distinção. Essa ideia de distinção é justamente a qual estará pertencente e será produzida em espaços educativos independente do nível escolar/educativo e do tipo de educação (formal ou não formal). A educação é um campo em que o posicionamento para garantir igualdade de direitos,

dignidade e existência é fundamental. Ignorar a diversidade é também contribuir para a manutenção de preconceitos, violências e desigualdades já estabelecidas nos cotidianos.

(...) pensar sobre educação que se entrelaça com a palavra 'diferença', sensibilizadora para as questões da vida, para a potencialização na escola de um currículo que não se desvincula das vivências de seus sujeitos. A educação parte do que vivemos, do que nos toca e do que nos atravessa. Nossas vidas, nossos cotidianos são elementos para se pensar outras educações” (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.8)

Em sociedades democráticas há reivindicações, conquistas, planejamentos, documentos, leis, declarações que são essenciais para assegurar a liberdade e a necessidade da educação ser marcada pela existência da diferença e da diversidade. Declaração de Salamanca na Espanha que defende a perspectiva da educação inclusiva, as leis brasileiras 10.639/2003 e a 11.645/2008 que inclui a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, as leis municipais presentes em diversas cidades brasileiras que consideram crime a prática de discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero, a lei nº 7.716/1989 que em 2019 o STF entende que a lei de crimes raciais pode ser ampliada para punir crimes de homo e transfobia.

No Brasil, ainda há, a constituição brasileira de 1988 que assegura a todos os cidadãos brasileiros acesso à educação de qualidade para todos, em condições de igualdade. O artigo 208 ao estabelecer os princípios basilares da educação brasileira reforça termos como: direito, igualdade, liberdade, pluralismo, diversidade e multiculturalidade, compreendendo que para a existência de pluralidades diversas em nossa sociedade seria necessário garantir direitos e liberdade de forma igualitária politicamente, ou seja, a constituição de trinta e seis anos atrás garante como dever do espaço educativo promover o respeito das diferentes identidades.

Ainda podemos mencionar a criação da LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) sancionada em 1996 e com atualizações feitas ao longo dos anos, em seu título II, art.3 inclui a consideração da diversidade étnico-racial e a diversidade linguística em respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva, não havendo uma menção que garanta especificamente o respeito à diversidade humana e identitária da população LGBTQIAPN+ na educação.

Na Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2017) também não há nada relacionado às relações de gênero e sexualidade no campo social e identitário, o que mostra que é preciso ainda seguir investindo no campo político de conquistas de direitos e normativas sobre o assunto, porém essa ausência nesses dois documentos é contraposto pela presença nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (BRASIL, 1997) que possui um tema exclusivo para tecer reflexões e parâmetros para considerar no ensino a “Orientação sexual” trazendo temas de sexualidade, gênero e identidade.

A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados. Em relação às questões de gênero, por exemplo, os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não-discriminação das pessoas. Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, em muito ajudará cada professor em particular nessa tarefa.. (BRASIL, 1997, p. 303).

As conquistas políticas que garantem um lugar de sobrevivência de populações no mundo e especialmente no território brasileiro dizem muito sobre sociedades normativas e violentas. Se é preciso documentos para garantir os direitos, o respeito, e a vida dessas populações é porque há uma desigualdade socioecultural cotidiana que não garante. A educação libertadora que Paulo Freire defendia em suas reflexões para abordar a luta de classes presente intrinsecamente no processo de alfabetização e de ensino, é retomada na reflexão deste trabalho pensando em outras amarras de opressão que se interseccionam com a classe e que estão presentes no cotidiano e não são apenas refletidas no espaço educacional, mas também, são produzidas nele. Por esse motivo é pertinente um diálogo a partir de uma educação em perspectiva interseccional com a noção de “entusiasmo” na educação da professora bell hooks.

Nem a obra de Freire, nem a pedagogia feminista trabalhavam a noção do prazer na sala de aula. (...) O entusiasmo no ensino superior era visto como algo que poderia perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizado. Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão. (hooks, 2013, p.16)

Essa noção de prazer em sala de aula trazida por hooks a partir de gerar, observar e cultivar o entusiasmo entres os atuantes do espaço educativo precisa partir de uma consideração das diversidades presentes e das disparidades entre elas. Há ainda que considerar que o espaço educacional não produz essas amarras naturalmente e sim a partir de um ideal de referência produzido e manejado pelos sujeitos e instituições que realizam a proposta educativa, incluindo os educandos, educadores, coordenadores, entre outros fazedores da educação formal e informal.

Um espaço educativo, seja ele a unidade escolar de educação infantil, fundamental, médio, técnico, superior; ou ainda; espaços de educação não formal como oficinas, laboratórios, bibliotecas, espaços comunitários, são campos que geram a necessidade de ações imbricadas no processo de educar que considere a diversidade como existente. Para isso irei tecer diálogos com outras educadoras contemporâneas como as professoras Letícia Nascimento e Helena Vieira, que discutem o papel da identidade de gênero e diversidade



sexual pelo olhar de educadoras e tecem críticas sobre a forma da categoria “diversidade” estar presente na educação hoje. Leticia fala de um movimento duplo nessa presença na educação brasileira em que “Por sua vez, as políticas sociais e educacionais no Brasil exaltam a nossa ‘diversidade criadora’ ao mesmo tempo em que silencia as diferenças no campo da educação”. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.8)

O papel do educador contemporâneo em uma perspectiva de uma educação transgressora, libertadora, inclusiva e que considere a diferença como presente nas relações sociais e também nas dinâmicas educacionais, sejam quais dinâmicas forem, é pautado por uma participação ativa de transformação e engajamento, indo contra as tendências de ensino catequizadoras, colonizadoras, punitivistas e segregadoras que marcam a história da educação brasileira e latino-americana; e também indo ao inverso do progressismo capitalista que tem por objetivo vender ideia prontas de uma educação ideal que facilite inclusões (fakes) e que silencie reflexões e reivindicações que responsabilize a existência de preconceitos e segregações.

As políticas da diversidade em Educação preconizam apenas o reconhecimento estático das diferenças, ou seja, reconhece-se as diferenças, mas não há o processo de questionamento sobre as formas pelas quais os/as outros/as ocupam lugares subalternos e marginalizados. As relações de poder não são abaladas, elas permanecem hierarquizando as pessoas. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.11)

No que tange à diversidade sexual e de gênero, a depender do espaço educativo, não há espaço sequer para o reconhecimento da existência de vidas fora da heterocisnormatividade, que pressupõem uma hegemonia de histórias e identidades que são circunscritas por corpos e vivências cisgêneros e heterossexuais.

## **1.2 Educação Libertadora e entusiasmada**

Iniciemos essa investigação com o conceito base da educação contemporânea “palavramundo” de Paulo Freire em que a palavra não existe no vazio e sim em um mundo contextualizado socialmente, politicamente e culturalmente.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao viverem a educação, superando as posturas ingênuas ou “astutas”, negando de vez a pretensa neutralidade da educação. (FREIRE, 1989, p. 7).

Freire defende que é através desse vínculo “realidade e linguagem” que será possível uma educação transformadora, que despertará o interesse pela aprendizagem e que proporcionará que a educação funcione como instrumento de transformação. Essa aprendizagem só será possível por meio de uma metodologia dialógica, onde educadores e alunos trocam saberes e experiências. A informação e o conhecimento deixam de pertencer apenas à figura dos professores e passam a estar presentes no diálogo.

Esse pensamento base de uma educação política e participativa freiriana estará presente também nas teorias do teatrólogo, ator e dramaturgo Augusto Boal, que é conhecido principalmente pela autoria das metodologias do Teatro do Oprimido. Boal ao longo de sua vida como artista político, a partir de suas experiências com a dramaturgia, foi fomentando o que viria mais tarde se chamar Teatro do Oprimido. Nas palavras do próprio artista ele diz:

“A estruturação desse método [o Teatro do Oprimido] é o resultado de um diálogo ideológico. Não inventei o Teatro do Oprimido sozinho, em minha casa, nem recebi as Tábuas de Deus: foi na interação com plateia populares que o TO foi nascendo, paulatino. (...) Estruturei o método através de décadas de trabalho. (...) O TO foi estruturado com base nas intervenções de plateias vivas, populares. Os desejos dessas populações organizadas estão integrados na própria estrutura desse método. Os desejos são dela, mas fui eu que os estruturei. Meu trabalho foi, em parte, interpretativo e sistematizador – não catequético, embora seja verdade que a relação artista-plateia popular é delicada” (COMPARATO, 2024)

A escrita ser tão importante para Freire e ser pela escrita que Augusto Boal tem seus primeiros aportes de pensar em uma metodologia artístico-educativa que trabalhe a participação e os diálogos das diferenças é um exemplo de como experimentações de escritas podem ser fundamentais para se pensar gênero e diversidade na educação, sendo Augusto Boal também um autor de teatro que contribuiu com práticas cênicas que considerem um ideal de libertação.

Ao pensarmos dramaturgia como a escrita da cena, fundamentalmente é algo que prevê personagens, espaços, ações, e conflitos. No livro “O que é dramaturgia?” de Renata Pallottini ela irá abordar que: “Teatro é conflito; todo drama pressupõe conflito, confronto de vontades, idéias, pontos de vista, ações. Onde não há conflito, não há drama” (PALLOTTINI, 1988, p.41). Pensando nessa definição, por mais que seja uma definição mais clássica da dramaturgia, já encontramos pontos de encontro com o estudo da diversidade que também pressupõe confrontos causados por uma sociedade baseada em uma norma (heterocisnormatividade) repressiva da sexualidade. Jonathan Ned Katz em “A invenção da Heterossexualidade” ira desmistificar que a diferença sexual esteja marcada em algo natural, pois investigando a norma heterossexual ele nos apresenta a heterossexualidade como uma construção histórica e não uma condição de desejo. Dessa forma não é possível opor a heterossexualidade como o oposto da homossexualidade por exemplo, na segunda encontra-se o desejo desviante da norma,

enquanto na primeira encontra-se “(...) uma forma de poder e controle social.” (KATZ, 1996, p. 10)

Apesar de trabalharem com questões de opressão e de libertação artística ou educadora, Freire e Boal em suas obras mais fundamentais se limitam, sobretudo, à questão da classe social e da luta de classes. Freire fala a partir de um contato próximo com a alfabetização de jovens e adultos, a luta camponesa, e o período de ditadura militar que são partes do contexto que transborda em suas reflexões de libertação e isso torna sua obra tão marcada por uma opressão que se faz pela desigualdade social. Boal, anos após a publicação do Teatro do Oprimido, em sua obra “Arco-Íris do desejo”, avança em reflexões sobre questões socioemocionais como formas de opressão, fazendo reflexões complementares e críticas sobre como enxergar o modus operandi da opressão.

Assim como Freire, a professora, teórica e artista bell hooks irá abordar a educação a partir de seus contextos, criticando a falta de análises que considerem a interseccionalidade como fundamental para observar opressões na sociedade. A interseccionalidade é a visão de que as categorias sociais se interconectam, ou seja, se misturam e afetam de diversas formas umas às outras. A cientista social Patrícia Hill Collins abordará que “(...) Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente” (COLLINS, 2020, p.16) ela também abordará que é fundamental essa forma de análise em sociedades marcadas pela tensão norma e diversidade. “A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”. (COLLINS, 2020, p.16)

Para pensar a possibilidade de práticas cênicas como ferramentas para propiciar uma educação em perspectivas mais libertadoras e transformadoras que considerem opressões uma faixa mais larga do que a luta de classes, se faz necessário partirmos também das reflexões sobre educação que bell hooks fundamenta.

Essa interseccionalidade de opressões faz com que ela encontre no Paulo Freire uma forma de assentar esse direito ao conhecimento, que é de todas as pessoas. E é por isso que eu gosto muito do subtítulo do livro: pedagogia da esperança. Para Paulo Freire, “esperançar” é um verbo, é ação. Ele não tem o sentido do sentimento que paira nos nossos corações; tem um efeito de ação, de política. Tanto para bell hooks quanto para Paulo Freire, o “esperançar” tem efeito coletivo – ou seja, é a possibilidade e condição de se estabelecer uma comunidade que reaja à violência e à humilhação de um sistema de opressão baseado nas demandas de um grupo que sempre foi favorecido pelo colonialismo e pelo escravismo. (GONÇALVES, 2021)

A professora bell hooks com críticas e encontros com a educação freiriana, trará uma perspectiva interseccional em busca de uma educação que esteja atenta, em escuta e com

desejo de transgressões que por meio do engajamento deve ser atingido em práticas educativas.

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais a se tornar partes ativas no aprendizado. (hooks, 2013, p.21)

O ato de ensinar é comparado ao atuar no teatro por bell hooks, na medida em que é necessário conclamar os presentes a participarem com presença do ato educativo. As práticas cênicas, a imbricação do corpo, e as escritas dramatúrgicas e/ou automáticas, podem ser fundamentais pra esse processo de engajamento de uma educação com a presença da diferença. Antes disso precisamos pensar sobre quais “diferenças” que estamos falando quando abordamos a diversidade sexual e identidade de gênero na educação, e compreender como irá se fundamentar os métodos deste trabalho.

## **2. METODOLOGIA EM MOVIMENTO: A experiência como método.**

Este trabalho como conclusão de curso - TCC tem como proposta uma pesquisa bibliográfica e experiencial que foi construída a partir da minha experiência como arte-educador e como educando bissexual que fui e sou. Essa experiência despertou o desejo enquanto arte-educador, artista e pesquisador de estudar uma especialização de gênero e diversidade na educação e elaborar um trabalho acadêmico com reflexões sobre o processo educativo para população LGBTQIAPN+, pensando em como aproximar e aumentar o pertencimento dessa população na educação que é historicamente carregada de preconceitos e das normatividades violentas que foram apresentadas no capítulo anterior.

A metodologia que se segue é pensar no movimento como dispositivo educativo. É o movimento que gera ações. O movimento que gera as provoc(ações) cênicas propostas neste trabalho. Pensar no movimento como método, é uma provocação, onde consideramos a experiência e o corpo. Foi somente a partir da minha experiência pessoal trabalhando como educador com práticas cênicas, minhas experiências pessoais de educando bissexual junto às reflexões de teóricos que pesquisam gênero e diversidade, que iniciei a proposta de pensar as práticas cênicas como possibilidade para o pertencimento da população LGBTQIAPN+ na educação. “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. (LARROSA, 2002, p.24).

O filósofo Jorge Larrosa defende a experiência como metodologia a partir de um processo ativo de construção de sentido dando importância ao saber que as experiências proporcionam, citando o afeto e o corpo como fundamentais para a construção do experienciar e indo contra uma norma moderna de velocidade acelerada que impede a experiência de acontecer.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos aconteceu, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2004, p. 25)

### **2.1 O Conceito de diferença como movimento dinâmico**

A ideia de diferença trazida neste trabalho possui como base filosófica o entendimento de diferença por Deleuze. O filósofo irá refletir sobre duas noções de diferença, em uma ele aborda a diferença como representação (que seria a ideia ocidental e platônica) em que a “diferença” se resume a uma construção de oposição entre um e o “outro”, nessa visão dualista

da diferença é frequente uma hierarquização entre o original e a cópia, o real e o irreal, o correto e o desvio. Ou seja, a partir dessa ideia “respeitar as diferenças” em contexto educacional parte da ideia de que alguns educandos, ou ainda, alguns cidadãos sejam diferentes de outros. Na nossa sociedade sabemos que isso significa que todas as manifestações sejam elas, implícitas ou explícitas, de crianças, jovens, adultos que não correspondem a lógica heterocisnormativa serão consideradas manifestações desviantes, incorretas e que mesmo com o discurso do “respeito às diferenças” esse respeito é exclusivo para “suportar” aquilo que não está hierarquicamente no mesmo lugar da norma. O menino de rosa precisaria ser respeitado, pois é “estranho” ele estar de rosa em uma sociedade em que meninos “devem” estar de azul de acordo com essa norma.

A segunda noção de diferença apresentada é a diferença como repetição que será a defendida por Deleuze, é uma oposição à ideia representativa. A diferença como repetição não se baseia em comparações com modelos ideais, mas sim na multiplicidade das relações e conexões que constituem o mundo. A diferença como um movimento dinâmico que está presente nas normas que a fazem tornar-se uma “diferença”. É a partir da diferença, em sua constante mudança, que surgem as individualidades, as multiplicidades e as singularidades que compõem o mundo. "A diferença não é uma relação entre dois termos, mas o ser de cada um, enquanto tal, na medida em que se repete e se difere de si mesmo." (DELEUZE, 1995, p.40)

Essa ideia da diferença como “presença dinâmica” na filosofia de Deleuze torna mais adequada para pensarmos a diferença de sexualidade e gênero. No artigo “Aprendizagens em Educação e as diferenças: Resistências ao heteroterrorismo cultural” as autoras vão abordar que a diferença no espaço educativo, no caso a escola, constrói barreiras e divisões entre as diferenças seguindo “(...) a gramática normativa da heterossexualidade, buscando inscrever insistentemente nos corpos a sexualidade legítima, traçando muros entre os “normais”, heterossexuais, e os/as outros/as que se insurgem contra as práticas culturais binárias de gênero” (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.11).

Esses muros construídos por normas, falta de escuta, e pelas próprias práticas diárias da educação nos revela “as instituições educativas (...) como uma das mais eficientes para fixar quem nós somos e quem são os outros, estabelecer uma cisão entre os normais e os anormais produzidos nela” (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.10).

A ideia proposta neste trabalho pensa em vincular uma conquista da diferença a partir da escuta corporal, um corpo que fala, ideia presente nos pensamentos contemporâneos das práticas cênicas e das artes do corpo. Conquistar a diferença dentro dessa percepção de diferença dinâmica de Deleuze para justamente se opor a essa ideia de diferença presente nos espaços educativos. No artigo “A Filosofia Da Diferença De Gilles Deleuze: Breves Considerações Para Se Pensar Uma Filosofia Inclusiva” o conceito de uma diferença proposta

como “dinâmica” e constituinte dos seres é associado como oposto do conceito de diferença tão presente na realidade escolar e educativa, que se apoia no modelo platônico da diferença que vê a diferença como oposições.

A filosofia deleuziana se opõe ao modelo platônico para considerar que todas as pessoas estão em constante transformação, que se fazem na sua própria diferença, e não como sujeitos perfeitos. Em Platão podemos pensar em um modelo de sujeito que deve ser semelhante a um perfil tido como ideal (MEDEIROS, AMANDA, SOARES, 2023, p. 1)

A abordagem da temática das diferenças, diversidade e inclusão em espaços educativos é normalmente solicitada por formações, manuais, métodos, receitas que nos entreguem soluções para apaziguar e conviver com as diferenças de modo quase sigiloso. “As palavras diferença, diversidade e tolerância na Educação, por vezes tão gastas que perdem seu potencial de possibilitar outros modos de educar, são incorporadas nas discussões educacionais, mas trazem poucas mudanças”. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.3).

Em 2024 foi realizado em Foz do Iguaçu - Paraná pelo coletivo Poéticas do Entre, coletivo de artistas e projeto de extensão universitária da UNILA a Jornada artístico-pedagógica com a doutora Carolina Teixeira: “Poética Protética - Deficiência em Performance e Diálogos com a Educação” em que ao iniciar sua primeira atividade, uma palestra sobre deficiência nas artes e na educação, abordou sobre essa carência de educadores por formações prontas, por receitas e manuais. Carol, enquanto educadora, artista, e pessoa com deficiência não poderia e nem gostaria de fornecer, pois essa carência está muitas vezes ligada com essa capitalização de métodos e passos que promete uma acessibilidade e inclusão falsa das diversidades. Uma acessibilidade e uma inclusão que descarta atravessamentos, que não consideram as identidades e os desejos de vida e de aprendizagem dos educandos ainda podemos afirmar que: ““(…) O neoliberalismo se aproveita da palavra de ordem pela diferença, captura-a, passando a significar a possibilidade de ampliação do mercado (MISCKOLCI, 2012)’ Quanto mais diferenças, melhor!”. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.8)

## **2.2 O Fazer Cênico: A diferença, o corpo e a escuta.**

Como criar um espaço de pertencimento ao que nos difere constantemente? Por meio do teatro é possível que os participantes das dinâmicas tornem-se mais conhecedores de si mesmos, aprenderão regras paralelamente a ter o pensamento crítico e criativo de ousar questioná-las e dinamizar as próprias dinâmicas propostas. Pensando na experiência como método, e em uma norma educativa que diferencia sujeitos de maneiras hierarquizadas, é preciso pensar no corpo como elemento fundamental da escolha de ações cênicas para este trabalho. "A experiência não é algo que se possui, mas algo que nos possui. É o que nos

acontece, o que nos toca, o que nos atravessa. E o corpo, neste sentido, é o primeiro lugar onde a experiência se inscreve." (LARROSA, 2004, p. 25). As práticas cênicas, que partem do corpo, possuem a provocação necessária frente a normatividade que limita, exclui e invalida corpos a partir de uma matriz da diferença.

A pedagoga Viola Spolin, autora e diretora teatral, considerada mestra da arte da improvisação cria fichários para o trabalho cênico pensando, muitas vezes, numa maneira de trazer um "frescor e vitalidade para a sala de aula" (SPOLIN, 2017, p. 29) que defendemos aqui como uma vitalidade que possa ser voltada para diminuir a violência educacional de apagar a identidade LGBTQIAPN+, seu corpo e suas manifestações de existência no espaço educativo.

Apesar de nos distanciarmos do objetivo de Spolin de apresentar um manual com fichas específicas para o ensino do teatro, nos aproximamos dela na medida em que pelas práticas cênicas podemos atingir a liberdade e a transformação da situação educativa que ela propõe. "Jovens atuantes podem aceitar responsabilidades para comunicar-se, ficar envolvidos, desenvolver relacionamentos e cenas (...) apenas quando lhes é dada a liberdade para fazê-los" e ainda diz que os efeitos de seus jogos cênicos propostos é para além dos efeitos sociais e cognitivos e sim de transformação, assumindo que "o coração da improvisação é a transformação". (SPOLIN, 2017, p. 32).

Também a partir dessa ideia de diferença como movimento dinâmico podemos justificar a escolha da ferramenta da cena em busca de uma conquista da diferença, pois, mesmo o documento dramaturgico mais clássico apesar de escrito e finalizado estará em constante transformação dependendo de seu momento a ser encenado. Quem irá encenar? Quando? Em que local? Entre as diversas variáveis que ocorrem quando trabalhamos com a arte da presença pensamos a dramaturgia como um gênero textual em movimento dinâmico. A Doutora em Artes, artista e pesquisadora Angelene Lazzareti irá abordar em sua tese de doutorado processos de escuta e do acontecimento teatral onde "É necessário considerar a transitoriedade do tempo, do espaço e dos corpos-sujeitos envolvidos neste acontecimento que se constrói singular a cada vez, não podendo se repetir de igual forma, nem ser registrado em sua natureza teatral". (LAZZARETI, 2019)

As práticas cênicas pensadas aqui são práticas que consideram corpos antes mesmo de prever criação, assim, como a presença da diversidade sexual e de gênero em um espaço educativo também deveria considerar a corporalidade.

As pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar a atenção para o corpo é traír o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam (...) O que fazer com o corpo na sala de aula? Tento me lembrar dos corpos de meus professores universitários e não consigo me lembrar deles. Ouço vozes, rememoro detalhes fragmentários, mas me lembro de pouquíssimos corpos inteiros. (hooks, 2013, p.253)



Considerar o corpo na educação é um passo fundamental para que qualquer tentativa de uma prática pedagógica que considere a diversidade não se torne apenas discurso sem práticas, sem escuta e existência. “Se o teatro é feito a partir dos corpos, com os corpos e entre os corpos, então aquilo que os constitui e atravessa também interessa, também, de alguma forma, constituirá e atravessará o teatro produzido por esses corpos”. (LAZZARETI, 2019) esse corpo sendo considerado, ou ainda, sendo interesse em processo educativo é uma maneira poética de contemplar o parâmetro curricular nacional no tema da sexualidade que tem como princípio o desenvolvimento de uma consciência corporal ativa, evitando preconceitos, abusos, violações de direitos e desinformações.

O coletivo de artistas Poéticas do Entre, que é também projeto de pesquisa e extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana pesquisa práticas e criação artística a partir do corpo e da escuta como princípio. A perspectiva da diferença como algo dinâmico, pode ser aproximada aqui para pensar no princípio de “entre” que o coletivo trabalha. Desenvolver a escuta do próprio corpo, para trabalhar a escuta do “entre”.

O *entre* pode ser pensado de distintas formas: 1) tanto em relação aos entrelugares que pulsam em nosso próprio corpo a partir do cruzamento entre memórias, saberes, culturas, elementos orgânicos e subjetivos (o corpo é a relação entre suas diversas partes); 2) quanto aos espaços-tempos, movimentos e forças que pulsam *entre* os corpos uns com os outros (entre um corpo e outro, entre eu e você, entre nós), compreendendo que este *entre* plural compõe os corpos singulares. (POÉTICA DO ENTRE, 2024)

Propomos aqui uma educação inclusiva que considere a diversidade, com seus atritos e contradições, como espaço não só de existência e sobrevivência, mas espaço de conquista. “A diferença não se apazigua, já que não é sua função apaziguar, o que a diferença faz é diferir. A cada repetição, extrai uma diferença, ou seja, diferenças geram diferenças. A diferença vai de encontro às identidades, tendo por função borrar-las” (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.9).

A diversidade foi capturada em quase todos os programas governamentais e slogans dos movimentos sociais e das políticas educacionais. Essa palavra é ligada à ideia de tolerância ou de convivência. Contudo, trata-se de uma tolerância que aceita, admite, mas não valoriza. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.8)

A conquista, ou ainda a valorização, da diferença é proposta como uma prática educativa engajada, libertadora e transgressora do educar para e com as diversidades sexuais e de gênero.

### **3. AÇÕES QUE PROVOCAM: PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA CONQUISTAR A DIFERENÇA.**

O convite feito neste trabalho de trabalhar práticas cênicas como dispositivos que possam dinamizar o processo de acolhimento aumentando o pertencimento de educandes LGBTQIAPN+ nos mais variados tipos e situações educativas é um convite endereçado a professores, oficinairos, arte-educadores, de diversas origens, não se limitando ao processo de educação formal, ou somente às aulas de artes, de teatro, e oficinas arte educativas. Porém é a partir da educação formal e do espaço escolar que muitas das heranças cisheteronormativas, que já foram apresentadas neste trabalho, são herdadas. Para isso, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresenta objetivos propostos com a área de arte que contemplam: o processo criativo, a fruição artística e o processo reflexivo tecendo paralelos com uma sensibilização e preparação para viver em uma sociedade complexa e diversa.

O teatro, ou ainda, o ensino das práticas cênicas é proposto pela BNCC como uma ferramenta que propõe rupturas com a própria ideia escolar. Se bell hooks nos apresenta que a educação como sistema afasta e ignora o corpo, as práticas cênicas fundamentalmente precisam considerá-los. A forma que vamos considerar, apresentar e evidenciar a existência de corpos no processo educativo é o que pode potencializar o pertencimento de populações excluídas por princípios normativos.

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios. [...] Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. (BRASIL, 2017, p. 198).

Pensando nessas instaurações de experiências com o corpo como “lócus” na qual identidades são apagadas ou desprezadas em espaços educativos percebemos que a importância de reconhecer a presença do corpo é fundamental. “O corpo é o lugar onde a experiência se faz carne, onde as marcas do vivido se inscrevem de forma indelével. É nos corpos que sentimos a passagem do tempo, as alegrias e as dores, os sucessos e os fracassos. O corpo é a nossa primeira e última casa.” (LARROSA, 2004, p. 45). Este trabalho centraliza-se na ideia de performance nas artes cênicas como dispositivo para essa possibilidade de “experienciar com o corpo”. A performance nas artes cênicas parte de considerar que é possível entender a cena sem a necessidade da representação. A performance artística ou “arte da performance” surge com reflexões e provocações dos artistas visuais que reivindicam seus processos como o próprio ato artístico, para além de um produto visual finalizado, ou seja, o

processo de realizar a obra sendo a própria obra, tomando o corpo como parte do processo de criação artística.

Hoje a “performance art” ou performance é uma arte interdisciplinar realizada frequentemente por artistas visuais e das artes cênicas. Pensar em uma “cena” performativa faz com que a ideia de representação de personagens seja substituída, ou ainda, ampliada, para uma ideia de apresentação. Apresentar o que está dado, o que tem para ser apresentado, possibilita novas investigações diferentes da representativa. Uma maneira de se pensar a performance é por meio de indicação, instruções ou ainda, nas palavras da performer Eleonora Fabião por meio de programas de performance. Eleonora ao refletir sobre esse termo que cunhou, define os “programas de performance” como “(...) um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada”. (FABIÃO, 2008, p. 237).

Programas Performativos então são propostas de ações redigidas em um enunciado para serem realizadas, vinculando a ação como experiência ativa. “‘experienciar’ não seria apreender o mundo, mas formá-lo na medida em que é experienciado, continuamente reformá-lo” (FABIÃO, 1999, p. 399) No âmbito da educação isso amplia as possibilidades de práticas de acolhimento. Para a realização de algumas práticas que trago aqui vivenciei, sendo extensionista e parte do coletivo Poéticas do ENTRE ao longo dos anos de 2020, 2023 e 2024 e também encontrei alguns respaldos no livro publicado em 2021 “Instruções para Escutar” desse mesmo coletivo. Essas ações que proponho como iniciativas artístico-educativas foram adaptadas e realizadas por mim ao longo dos meus três anos de trabalho em espaços públicos de saúde como o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil e o Centro Especializado em Reabilitação da cidade de Foz do Iguaçu.

### 3.1 Ações

#### A.

#### **Desenhe o seu corpo por dentro**

*Feche os olhos. Abra os olhos internos. Veja. Observe. Escute. Ouça. Toque. Sinta. Desenhe seu corpo por dentro nesse exato momento. Como seu corpo está agora?*

Essa atividade pode ser solicitada em começos de encontros a fim de estabelecer uma linguagem usando cores e traços no papel. Imbricando o corpo presente no espaço.

Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos e paixões, em algum lugar isolado - depois da aula. (hooks, 2013, p.254)

O interessante dessa atividade é realizar o mesmo programa mais de uma vez. Enfatizando a potencialidade do mesmo corpo se diferenciar em momentos distintos de desenho.

## **B.**

### **Nome, idade e um gesto.**

*Diga seu nome. Escreva seu nome. Chame você pelo seu nome. Chame o outro pelo seu nome. Chame um objeto pelo seu nome. Renomeie e repita o procedimento.*

Essa ação consiste em se nomear (nome pessoal, nome desejado, nome fictício, nome de algum elemento da natureza). “O seu nome” é propositalmente ambíguo para experimentar de maneira ampla as possibilidades de ação. O grupo pode ser convidado a repetir a ação com a idade e com gestos corporais também.

*Ex: Mostre seu gesto. Faça seu gesto. Chame você pelo seu gesto. Chame o outro pelo seu gesto. Chame um objeto pelo seu gesto. Refaça o gesto e repita o procedimento.*

Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. (hooks, 2013, p.17)

## **C.**

### **Caminhar e escutar**

*Caminhe e escute...*

Podendo ser realizada dentro do espaço educativo, ou em algum espaço externo próximo. A ideia aqui é caminhar e escutar o grupo. A escuta aqui é acionada como um processo que acontece pelo atravessamento entre um educando e outro e entre educador e educandos.

Perceber: Cheiros, Cores, Formas, Movimentos, Arquitetura, Relações, Velocidades, Presenças. Comportamentos. Classe. Raça. Gênero. Valores. Desigualdades. Estar à deriva ao caminhar. Deixar-se perder pelos passos dentro dos combinados,

Se, de um lado, as/os educadoras/es não sabem como agir, de outro, os corpos das/os educandas/os são dilacerados pelo ciclo das violências de gênero, que continua a se repetir. A gramática normativa de gênero já possui falantes, mas como criar uma gramática para falar da educação pelas diferenças? É preciso assumir o não saber como um colocar-se à deriva, assumir os riscos de aprender aquilo que não se sabe, largar as verdades construídas e mergulhar no caos da diferença. (ADDAD, NASCIMENTO, MARTINS, 2020, p.15)

## **D.**

### **Escrita automática**

*Escrever sem parar durante um tempo definido. Fazer uma fluidez de pensamentos. Escrever como experimentação. Borrar o papel. Só parar quando alguém do grupo pedir para encerrar.*

Esse método de escrita que tem como objetivo evitar os pensamentos conscientes de quem escreve, através de um fluxo inconsciente, é criado pelos dadaístas, mais especificamente por André Breton. Trago esse método como uma das ações para gerar materiais escritos que possam ser lidos pelos integrantes do grupo em busca das diversas percepções do grupo.

### **3.2 Ações que consideram o corpo.**

Essas provocações são bilaterais, provocam educador e educando, provocam o espaço educativo e as diretrizes que o regem, elas funcionam como ações mobilizadoras para se aproximar o corpo que muitas vezes é enrijecido e excluído do espaço de educação, sendo que tal atitude de excluir corpos de pessoas sustenta o mecanismo heterocisnormativo, no qual, aceita-se uma norma de corpos que podem permanecer nesses espaços como se houvesse nessa heterocisnormatividade compulsória aquela suposta neutralidade que é mencionada no primeiro capítulo deste trabalho pela citação da pesquisadora Guacira Lopes Louro. Essa suposta naturalidade estaria ausente em qualquer outra manifestação identitária, como as manifestações de existência de corpos LGBTQIAPN+. O corpo em estado de performance, ou o corpo na teatralidade, o corpo em ação propositiva, ação cênica, é um corpo em potência que também contagia os outros, é observar a si mesmo, e entrar em contato com o espaço inserido e com outros corpos presentes.

Falar de corpo performativo, portanto, é falar de um corpo-contágio, um corpo-encontro, um corpo-desmantelo, e os seus efeitos. Trata-se de um corpo que não proclama uma expressão além de si mesmo; não metaforiza, nem literaliza, mas sim age e recria-se no ato, recriando assim o outro que o espreita e o interpela. Essa relação de abertura ativa do corpo performativo ao outro me parece fundamental, tanto quanto a sua poética não referencial. Falo em abertura ativa pois quero chamar atenção para a negociação de poder que se instala no encontro do corpo performativo com o outro: Estou aberto, início um diálogo, e minha abertura te interpela e gera efeitos em ti, que voltam a mim, numa retroalimentação contínua que constrói reciprocidade entre nós. (COSTA, 2015, p. 260)

A sexualidade não entra como tema durante essas ações, e as ações presente neste trabalho não são como um manual instrutivo a ser seguido de forma isolada, elas são também provocações ao leitor deste trabalho na medida que elas exigem um acompanhamento do estudo de gênero e diversidade pelo(a) educador(a) que irá propor esses exercícios. A arte e a experimentação artística pode funcionar como uma abertura para que sistemas rígidos ou regidos por algum grau de rigidez se flexibilize em prol do ganho do educando, seja de seus conhecimentos, da sua permanência ou ainda de seu entusiasmo pelo processo educativo. Para uma população que é excluída de existir, proibida como performance, vítima de preconceitos e abusos institucionais, ter a flexibilização é uma medida de urgência. Tornar a

população LGBTQIAPN+ presente, suas identidades reconhecidas e incentivar seus processos criativos a partir de suas referências, sem busca de um parâmetro normatizador e naturalizador que as inviabilize é fundamental para uma educação anti-homofóbica e anti-transfóbica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição escolar como espaço representativo da educação possui suas ferramentas de poder e de manutenção baseadas em uma história de segregação, divisão e desigualdades. Mesmo que normativas, leis e direitos sejam garantidos para esse espaço, ainda assim, em suas práticas do dia a dia a escola segue por um viés de norma e desvio.

Ao defender processos educativos que incentivem e fortaleçam o pertencimento da população LGBTQIAPN+, é preciso repensar a naturalidade em que práticas homo/transfóbicas e machistas vêm sendo propagadas em métodos, conteúdos e maneiras de condução. A exclusão dos corpos da sala de aula, facilita a naturalização de um corpo normativo que deve estar presente nesses espaços. Fora do ambiente escolar, em outros espaços educativos essas ferramentas de poder são mais abertamente questionadas, mas ainda assim, há uma tendência dessa herança da diferença e desigualdade fabricada pela escola aparecer em diferentes formatos.

As ações performativas aproximam o CORPO do que entendemos por sujeitos. Não que fosse possível desvincular os corpos dos sujeitos, porém a partir dessas ações “performáticas”, o corpo torna-se elemento fundamental de experimentação, onde frisamos sua importância educativa. Dessa forma, o corpo em sala de aula não é apagado como bell hooks criticava em suas reflexões sobre suas experiências quanto educadora, o corpo não é exilado para o lado de fora do espaço, ele habita e é habitado pelo espaço educacional “(...) ações performativa ou obras de arte do encontro (...) precisamente reorganizam os limites aparentemente dados e ensaiam contextos inéditos para a coimplicação entre eu e o outro, possibilitando assim a emergência de outros eus e, com sorte, de outros nós” (COSTA, 2015, p. 268). Ao realizar as “provoc(ações)” é também uma maneira de dar espaço e voz para o entusiasmo dos educadores e educandos em situação educativa.

## REFERÊNCIAS

- ADAD, S. J. H. C.; NASCIMENTO, L. C. P. do; MARTINS, L. R. **Aprendizagens em educação e as diferenças – resistências ao heteroterrorismo cultural**: que só os beijos te tapem a boca. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e614985928, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5928. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5928>. Acesso em: 9 jun. 2024.
- ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 217 (III) A, Nações Unidas, 1948.
- BOAL. Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 agosto. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF: MEC: SEF, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Trad. Maria Jovita Lepetino. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- COLLIN, Patrícia Hills. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- COMPARATO, Fabiana. **Freire e Boal Uma Conexão Afetiva**. Site de Augusto Boal. Disponível em: <https://augustoboal.com.br/2019/11/13/freire-e-boal-uma-conexao-afetiva/>. Acesso em: 01 de agosto de 2024.
- COSTA, Pablo Assumpção B. "Eleonora e o corpo performativo - poéticas do ato, materialidade do encontro". In: FABIÃO, Eleonora. **Ações**. Tamanduá Arte. Rio de Janeiro. 2015, p. 258-268
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FABIÃO, Eleonora. **História do espetáculo: presente e presença**. In: Memória ABRACE I - Anais do 1 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador: ABRACE, 1999. p. 396-400.
- FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro**: poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta. São Paulo: Volume 8, p. 235-256, 28 de nov. de 2008.
- FREIRE. Paulo Freire. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação e conscientização**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.
- GONÇALVES, Ednéia. **Paulo Freire e bell hooks**: esperar, humanizar e criar uma comunidade de aprendizagem. [Entrevista concedida ao Portal Cenpec], 2021. Disponível em: <https://saberesepraticas.cenpec.org.br/tematicas/bell-hooks-paulo-freire> Acesso em: 20/06/2024



- KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- LAZZARETI, Angelene. **E N T R E: a trama dos corpos e do acontecimento teatral**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, BR-RS, 2019.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEDEIROS, Alexsandro Melo; SOUSA, Dalila Araújo de; SOARES, Amanada Mendes. **A FILOSOFIA DA DIFERENÇA DE GILLES DELEUZE**: breves considerações para se pensar uma filosofia inclusiva. In: Anais do IV Congresso Nacional de Educação: Educação, Formação Docente e Direitos Humanos, 2023, UEMASUL Campus Açailândia. Anais do(a) Anais do IV Congresso Nacional de Educação: Educação, Formação Docente e Direitos Humanos, 2023.
- NÓVOA, Maria José. **A palavra em Paulo Freire**: Um instrumento de transformação da realidade. Cadernos de Pesquisa, 31(2), 275-292, 2001.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2013.
- PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia?** Editora Ática S.A: São Paulo:1988.
- POÉTICA DO ENTRE. **O coletivo**. Foz do Iguaçu: Site Poéticas do Entre, 2024. Disponível em:<https://www.poeticasdoentre.com.br/o-coletivo>. Acesso em: 28 jul. 2024.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017
- TEIXEIRA, Carolina. . **Poética Protética - Deficiência em Performance e Diálogos com a Educação**. 2024. Notas de aula.